

Um precursor da ecologia no Brasil:



Hermann von Ihering

MARIO G. LOSANO

Tradução de GIACOMINA FALDINI



Carteira de identificação de Von Ihering, de 1907, assinada pelo então Secretário de Justiça e da Segurança Pública de São Paulo, Washington Luiz

1. PARA UMA BIOGRAFIA DE HERMANN VON IHERING

O filho mais velho de Rudolph von Ihering, Hermann, desenvolveu sua longa carreira de naturalista e de médico no sul do Brasil.

Tive ocasião de mencioná-lo, de forma superficial, graças aos estudos jurídicos que desenvolvi, de um lado, a respeito da figura de seu pai, personalidade fundamental da ciência jurídica alemã do século XIX e, de outro lado, sobre Tobias Barreto, autor também muito importante para a cultura brasileira desse mesmo século(1). Todavia, a vida de Hermann von Ihering (1850-1930) atraiu meu interesse por razões que nada têm a ver com o Direito: a vida no Brasil, através de caminhos existenciais que, por acaso, se entrecruzaram com os meus, e a paixão pela extraordinária natureza brasileira, que o levaram não somente a estudá-la e a conservá-la dentro dos museus, mas também a salvaguardá-la da incontável intervenção dos colonos. Hermann von Ihering queria preservar o mundo novo que ele, nascido e crescido no hemisfério boreal, admirava com entusiasmo inesgotável, sob o céu austral marcado pelo Cruzeiro do Sul.

Estas páginas fornecem uma visão inicial de sua vida e de sua atividade de precursor da batalha ecológica que hoje procura salvar o que ainda existe da floresta tropical.

A vida de Hermann von Ihering – biografia exemplar de um intermediário cultural entre o velho e o novo mundo – vem enriquecer a galeria de retratos daqueles germano-brasileiros que contribuíram, de forma decisiva, para a formação do Brasil moderno.

2. HERMANN VON IHERING E A ARGENTINA

Não existem muitos documentos sobre os quais fundamentar a reconstrução de sua vida. A biografia mais completa e confiável foi publicada na Argentina, por uma associação científica alemã daquele país (2). A ela podemos acrescentar um amplo artigo autobiográfico, talvez um fragmento do volume lembrado na nota 2 e que, porém, não foi publicado(3). Este artigo fornece principalmente informações sobre a primeira parte da vida de Hermann von Ihering e termina, portanto, antes da fase que, no parágrafo 9 deste trabalho, é

MARIO G. LOSANO é professor titular de Teoria Geral do Direito da Universidade de Milão, e acaba de assumir a direção do "Instituto para a Documentação Jurídica" do Conselho Nacional de Pesquisa da Itália, com sede em Florença. Publicou importantes estudos, traduzidos em muitas línguas, sobre informática jurídica, direito comparado e história do pensamento jurídico, e tem tido frequentes contatos universitários com o Brasil. Entre os seus livros, destacam-se: *I Grandi Sistemi Giuridici* (1978); *Forma e Realtà in Kelsen* (1981) e *Storie di Automi* (1990). Este último será publicado em português, neste 1992, pela Companhia das Letras.

1 Tobias Barreto introduziu a ciência jurídica alemã no Brasil e foi um admirador de Rudolph von Ihering; cf. meu artigo "La Scuola di Recife e l'Influenza Tedesca Sul Diritto Brasileiro", in *Materiali per una Storia della Cultura Giuridica*, IV, 1974, pp. 323-415; parcialmente republicado em: "O Germanismo de Tobias Barreto", na *Rev. Brasil. de Filosofia*, XXXVIII, 1989, n. 154, pp. 100-9 (reproduz em italiano as págs. 349-60 do precedente ensaio), atualmente, reproduzido também em: Tobias Barreto, *Estudos alemães*; Rio de Janeiro, Record; Aracaju, Governo do Sergipe, 1991. Obras completas, pp. 277-84.

Procurei encontrar os relacionamentos pessoais entre Tobias Barreto e seus amigos ou correspondentes alemães, porém entre estes últimos não encontrei o filho do jurista alemão. É pouco provável que Barreto não estivesse a par de sua presença no Brasil, uma vez que Hermann von Ihering e Barreto possuíam um amigo comum: Karl von Koseritz, que foi um dos colonos alemães mais conhecidos no sul do Brasil. As causas desse desconhecimento (se novos documentos não demonstrarão o contrário) podem talvez ser imputadas à diversidade de interesses científicos que moviam os dois estudiosos ou à distância que separa o Nordeste dos estados do Sul do país e ao fato de Hermann von Ihering ter chegado ao Brasil em 1880, isto é, somente nove anos antes da morte de Barreto.

A respeito dos correspondentes alemães de Barreto e, portanto, também sobre Koseritz, cf. os meus artigos, no prelo em São Paulo, nos estudos em homenagem a Miguel Reale e, em Milão, na revista *Sociologia del Diritto*, com o título: *I Corrispondenti Tedeschi di Tobias Barreto*.

2 Um único e curto verbete biográfico a respeito de Hermann e de seu filho Rodolfo von Ihering (1883-1939) encontra-se na *Enciclopédia Barsa*, Rio de Janeiro, Encyclop. Britannica Ed., 1965.

Um verbete breve mas completo, mencionando também fontes secundárias, é encontrado na *Neue Deutsche Biographie*, Berlin, Duncker & Humboldt, 1974, v.10, p. 123. Nada foi encontrado na velha e monumental *Allgemeine Deutsche Biographie*.

Armindo Lauffer, "Hermann von Ihering, um Pioneiro na Defesa da Natureza Brasileira", in *Correio do Povo*, 29 de maio de 1977, e um artigo publicado no *Jornal de Porto Alegre*, mas de limitado interesse científico.

Nenhuma biografia de Hermann von Ihering foi encontrada nos 40 volumes da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Rio de Janeiro, Ed. Enciclopédia, s.d. (mas posterior a 1945, como demonstra o uso da convenção ortográfica luso-brasileira), nem

indicada como o período paulista. Uma vez que o artigo estava destinado a uma revista científica, de geografia, Ihering escreve, sobretudo, uma autobiografia cultural, ressaltando os assuntos centrais de suas pesquisas.

Este interesse dos argentinos por um alemão intensamente identificado com o Brasil, como era justamente Hermann von Ihering, precisa ser explicado brevemente.

O contato de Hermann von Ihering com a Argentina foi, sem dúvida, facilitado pela presença, em Buenos Aires, de um grande zoólogo alemão, o irrequieto Hermann Burmeister(4), e da escola que ele deixou na Argentina: de fato, em 1870, Burmeister havia recebido o encargo de fundar a Faculdade Científica da Universidade de Córdoba, para a qual chamou valiosos pesquisadores alemães.

Uma especial afinidade de idéias a respeito da origem do continente sul-americano e dos problemas antropológicos ligava Hermann von Ihering ao argentino Florentino Ameghino (1854-1911), famoso por sua desavença juvenil com Burmeister, do qual, porém, tornou-se o sucessor.

Ihering colaborou com as publicações do Museu de Buenos Aires, quando este era dirigido por Florentino Ameghino e citou inúmeras vezes o colega, em seu livro *Archbelents und Archbinotis*, sobre o qual falaremos mais tarde: "A discussão a respeito do Archhelenis foi particularmente vivaz e intensa nos vários setores da zoologia. A este respeito, é preciso lembrar as conhecidas pesquisas de meu estimado amigo, o Dr. Florentino Ameghino, de Buenos Aires" (5).

Quando foi demitido pelo governo brasileiro, após o início da Primeira Guerra Mundial, foi justamente para a Argentina que Hermann von Ihering foi chamado para continuar sua atividade, já que lhe ofereceram como trabalho o ensino da zoologia, na Universidade de Córdoba — fundada, como lembramos, por Burmeister — e, temporariamente, a direção do museu argentino de ciências naturais(6). Todavia, Ihering não aceitou o convite e, como vemos no parágrafo 10, preferiu continuar morando no Brasil.

3. HERMANN VON IHERING ENTRE NATUREZA E SOCIEDADE

Dentro do contexto do atual trabalho, seria descabida uma análise das obras científicas de Hermann von Ihering, ao passo que seria proveitoso tecer alguns comentários a respeito de suas idéias sobre problemas sociais e políticos.

Seu ponto de vista é a revisão do darwinismo e nisso ele se declara discípulo de Rudolph Leuckart (que foi seu mestre)(7), de Rudolph Virkow(8) e, sobretudo, de Ernst Haeckel (9), autor que já era apreciado pelo pai, Rudolph von Ihering, e que o filho Hermann celebra, por ocasião de seu octogésimo ano de vida.

Justamente no trabalho em honra a Haeckel encontramos um dos raros trechos em que Hermann lembra o pai e suas idéias: "Eu, que o segui, não posso repudiar os antigos conceitos e hoje tomo a mesma posição que, substancialmente, foi a de meu pai e de meu sogro. As conquistas máximas da ciência e as doutrinas filosóficas que daí derivam são para mim sagradas e preciosas". E, referindo-se à relativa aceitação de Haeckel no Brasil, conclui: "Pode parecer demasiadamente duro, mas devo admitir abertamente que, aqui no exterior, raramente experimentei uma repulsa tão grande quanto a que me provocou o ateísmo de pessoas completa ou parcialmente ignorantes" (10).

Entre 1887 e 1907, Ihering foi elaborando uma teoria pessoal sobre a origem do continente sul-americano. Em contraposição à doutrina dominante de Wallace, segundo a qual os oceanos eram dados geográficos imutáveis, os estudos zoogeográficos de Ihering procuravam demonstrar a separação da parte centro-setentrional do continente sul-americano da África, ao passo que a parte meridional ter-se-ia separado de um continente antártico. Chamava de "Archbelents" o originário continente afro-brasileiro e de "Archbinotis" o continente antártico-sul-americano. Destes nomes deriva o enigmático título do volume no qual, em 1907, reuniu seus principais ensaios de zoogeografia(11).

O problema do valor científico atual destas teorias pode ser posto de lado, por enquanto. Para a reconstrução biográfica de Hermann von Ihering, porém, este tema é importante porque permite relacionar estudos aparentemente heterogêneos, mas que pertencem todos a uma mesma linha de interesse.

Este naturalista possuía também uma sólida preparação filosófica de nível uni-

chamava) nunca o atraiu e isso "sobretudo por causa do curso de lógica que segui por algum tempo, no verão de 1868" (12). Deve ter sido um curso particularmente assustador, já que no seu artigo autobiográfico de 1894 ele o relembra como "um curso terrivelmente aborrecido de lógica, do qual derivou uma repulsa invencível pela filosofia, que durou toda a minha vida" (13). Esta aversão, contudo, não o impediu de concluir o doutorado em filosofia, em Göttingen, em 1876.

A sólida preparação universitária filosófica e naturalista fundia-se com uma viva curiosidade por todos os aspectos da natureza e também pelo homem em suas relações com a natureza. A respeito da pluralidade de seus interesses, a biografia argentina cita o testemunho de seu amigo Brandenburger: "Hermann von Ihering não pertence à categoria (...) dos especialistas (...). As circunstâncias de sua vida levaram-no a ter uma concepção diferente da ciência. Podemos relacionar com o espírito da casa paterna, com a influência do pai genial e poliédrico, uma de suas características mais eminentes, isto é, a preparação universal que o caracteriza, a inexistência de uma especialização bitoladora" (14). A bibliografia de Hermann von Ihering reflete, justamente, esta atividade apaixonada e policêntrica.

Entre outras coisas, ele elaborou considerações práticas – e também jurídicas – ligadas à observação da sociedade e da natureza brasileiras na qual estava submergido. Um dos aspectos mais modernos de seu pensamento é, sem dúvida, o frequente convite para a salvação da floresta tropical. A ecologia atual encontra em seus ensaios uma antecipação rigorosamente científico-experimental.

"As circunstâncias – escreve – levaram-me a defender, em vários campos, medidas legislativas que julgava necessárias. Observando a destruição das florestas, extensa e, de muitas maneiras, incompreensível, e tomando consciência dos seus desastrosos efeitos na alteração do clima, procurei atrair o interesse do grande público e dos governos para a conservação das florestas e o reflorestamento. Isto teve início em 1891, com o meu trabalho sobre as árvores do Rio Grande do Sul. Mais tarde, com conferências e outros trabalhos. Preconizei, igualmente, a elaboração de leis para a proteção dos pássaros e para a regulamentação da caça e da pesca" (15).

A respeito da questão indígena, a posição de Hermann von Ihering foi muito discutida. Não iremos, aqui, retomar as etapas daquelas polêmicas, mas nos limitaremos à exposição de suas idéias, através da síntese que ele mesmo nos oferece.

Comentando suas pesquisas antropológicas, ele afirma que "até aquele momento nenhum cientista brasileiro tinha reunido, nas várias partes do país, coleções tão instrutivas, nem tinha adquirido um conhecimento tão profundo da vida primitiva dos indígenas, de sua língua e história, bem como de suas características raciais. Contudo, nem mesmo assim consegui evitar a perseguição que, no Brasil, um doentio nacionalismo ama despertar contra os colegas de origem estrangeira, mesmo quando estes se tornaram cidadãos brasileiros e participam com dedicação ao descobrimento científico de seu país adotivo. Na Exposição Nacional, que teve lugar em 1909, na capital federal, eu fui o único que procurou atrair o interesse do grande público para 'os primeiros donos desta terra', expondo grupos extraídos da vida dos índios caingangues, cayuás e chavantes. Contudo, isto causou polêmicas na imprensa e entre grupos científicos, que me indicaram como 'um precursor do extermínio do índios'. Ao contrário, eu estava somente pedindo que os habitantes do sertão e os colonos fossem protegidos dos ataques dos selvagens e tivessem garantias de vida e de propriedade. De fato, não é destes últimos, mas dos primeiros que depende o desenvolvimento dos recursos naturais do país. Protestei em vão contra estas maldosas deformações. Aos interessados neste problema, recomendo a leitura de meu ensaio sobre a questão indígena no Brasil" (16).

Chegamos, assim, ao problema prático da colonização alemã no Brasil, à qual Hermann von Ihering dedicou vários artigos, além de uma intensa atividade política, a respeito da qual voltaremos no item 8. Desta época, chegou até nós um testemunho direto no já citado artigo de Hermann von Ihering, publicado na *Deutsche Rundschau für Geographie* de 1894.

As idéias políticas gerais de Hermann von Ihering aparecem nas obras nas quais compara a vida social dos insetos com os problemas políticos humanos. Estas pesquisas estão sintetizadas em um curioso artigo dedicado à propriedade privada no reino animal, no qual ele demonstra que "os trabalhadores assexuados dos insetos sociais não podem ser comparados aos trabalhadores das indústrias" (17). Podemos ter uma idéia do conteúdo deste artigo através dos trechos seguintes, selecionados

nos seus volumes de apêndice ou nos dois volumes dedicados ao Brasil.

Hermann von Ihering também não foi citado nos 4 volumes do *Índice Biográfico de Espanha, Portugal e Ibero-América*, München, New York, Saur, 1990 e nas microfichas que os acompanham.

O documento mais importante é a "Festschrift für Prof. Dr. Hermann von Ihering", in *Phoenix Zeitschrift für deutsche Geistesarbeit in Südamerika*, Herausgegeben von Deutschen Wissenschaftlichen Verein in Buenos Aires, Buenos Aires, abril/1927, 75 p. O fascículo compreende: uma biografia anônima (pp. 7-17); uma *Bibliographische Übersicht der wissenschaftlichen Arbeiten, 1872-1924* (pp. 18-47), redigida por Hermann von Ihering e subdividida em oito seções temáticas, cada uma delas constituída por um ensaio – que oferece quase uma autobiografia intelectual para aquela disciplina – e por uma série de referências de títulos de obras; e, finalmente, uma lista de 305 títulos que constituem a *Bibliographie seiner wissenschaftlichen Arbeiten von 1872 bis 1924* (pp. 48-59).

O biógrafo anônimo da publicação argentina teve a possibilidade de ver o manuscrito de um volume autobiográfico que provavelmente não foi publicado, como informa o próprio Hermann: "Elaborei também um livro de recordações que até hoje não pôde ser impresso, por causa da situação desfavorável existente na Alemanha" (*Festschrift*, op. cit., p. 46).

Com base na bibliografia argentina, em 1911, o próprio Ihering publicou uma lista de 271 obras, na *Revista do Museu Paulista*, com o título: "Bibliographia dos Trabalhos Científicos do Dr. Hermann von Ihering (1872-1911)", 39 p. As páginas 5-8 contêm um prefácio em duas colunas, a primeira em português, a segunda em alemão.

A bibliografia mais completa encontra-se nas *Abhandlungen des Archivs für Molluskekunde*, BD. 2, Heft 2, Frankfurt a. M., Verlag des Deutschen Malakozoologischen Gesellschaft, 1929, pp. 203-26; o capítulo 6 de sua obra *Die Nephropneusten in systematischer und phylogenetischer Hinsicht*, traz a bibliografia das 321 obras de Hermann von Ihering publicadas entre 1872 e 1929.

3 Hermann von Ihering. "Aus meinem Leben und über meine Tätigkeit in Rio Grande do Sul", in *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik*, Wien, Pest, Leipzig, 1894, pp. 337-48; 403-9; 459-64.

4 Hermann Burmeister (Stralsund, 1807 – Buenos Aires, 1892) que, após adotar a nacionalidade argentina, chamou-se Carlos Germán Conrado, foi professor em Halle e viajou freqüentemente para a América Latina, até estabelecer-se em Buenos Aires em 1861, onde promoveu o museu local e publicou inúmeras obras. "Em 1848, em Liegnitz, foi eleito deputado do parlamento prussiano, no qual ocupou uma cadeira de extrema esquerda, mas em 1850 renunciou ao mandato. Estava desiludido não somente com a situação política, mas também com a vida particular e profissional, na qual não se sentia realizado. Graças a um apadrinhamento de Alexander von Humboldt, obteve uma licença e um financiamento do estado, a fim de fazer aquela viagem nos trópicos que há muito tempo queria realizar." (*Allgemeine Deutsche Biographie*, Machträge, 1903, v. 47, pp. 394-6). Assim, em 1850, pôde visitar o Rio de Janeiro e Minas Gerais, publicando em Berlim, em 1883, uma *Reise nach Brasilien und Landschaftliche Bilder Brasiliens*, além de obras científicas sobre a fauna brasileira. O núcleo principal de suas obras, naturalmente, diz respeito à Argentina. Cf. também *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana* (Apêndice), Barcelona, Espasa-Calpe, 1911, v. 9, pp. 1493 e segs.

5 Hermann von Ihering, *Archhelenis und Archinotis*, op. cit., p. 5. Uma ampla e cuidadosa bio-bibliografia de Florentino Ameghino pode ser encontrada na *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana* (Apêndice), Bilbao, Espasa-Calpe, 1930, v. 1, pp. 503-6.

6 A *Enciclopèdia Barsa* (Rio de Janeiro, Encyclopaedia Britannica Ed., 1965), no verbete "Ihering, Hermann", fala dessa estada na Argentina como um evento que realmente se realizou. A *Neue Deutsche Biographie*, ao contrário, não menciona este período argentino.

7 Rudolph Leuckart, nascido em Helmstedt em 1822 e falecido em Leipzig em 1898, dedicou-se principalmente ao estudo da estrutura dos animais inferiores. Hermann von Ihering iniciou com ele sua carreira universitária na Alemanha.

8 Rudolph Virchow, nascido em Schivelbein, na Pomerânia, em 1821 e falecido em 1902, em Berlim, fundador da patologia celular e inspirador da legislação alemã de higiene, foi um dos cientistas mais conhecidos de seu tempo.

9 Ernst Haeckel, nascido em Potsdam em 1834 e falecido em Jena, em 1919, foi um dos mais notáveis continuadores da doutrina de Darwin. A ele está ligado o movimento filosófico monista.

pelo próprio Hermann von Ihering: "Afirmo que 'o estado comunista depende da ausência de funções sexuais nos insetos operários. Onde a vida sexual é desenvolvida em todos os indivíduos, com a formação da família aparece também a propriedade privada'. Examinando, depois, na p. 27, as deviações do capitalismo, observo que 'se a Europa fosse uma federação de estados, não haveria mais guerras e um exército permanente seria supérfluo, como na América do Norte'. Não consegui ver a realização deste meu ideal da formação dos Estados Unidos da Europa, projetado em 1895. Tinha previsto a guerra civil dos sociais-democratas que, sem escrúpulos, sacrificaram os destinos de sua pátria para chegar ao poder" (18).

4. A FORMAÇÃO ALEMÃ DE HERMANN VON IHERING

Pelas cartas do pai, podemos reconstruir os primeiros anos da vida de Hermann von Ihering que, nascido em Kiel em 9 de outubro de 1850, realizou todos os seus estudos em Giessen, para onde o pai tinha sido chamado em 1852(19).

A paixão naturalística de Hermann revelou-se desde a infância. Aos nove anos queria ser explorador na África e colecionava conchas. Para guardá-las, no natal de 1859 recebeu de presente dos pais um pequeno armário.

Ihering descreve, mais tarde, ao amigo Gerber, o início dos estudos universitários do filho: "Meu filho mais velho matriculou-se recentemente na faculdade de medicina e vai indo bem. Há anos revelava uma forte predisposição pela zoologia e já estava tão adiantado que tinha aprendido com o conservador do museu a arte de embalsamar os pássaros" (20). De fato, até o final do século passado, não existia uma faculdade autônoma de zoologia, sendo essa matéria considerada uma especialização dentro da medicina.

Foi por conselho do célebre naturalista Rudolph Leuckart que Hermann iniciou os estudos de medicina em Giessen, em 1868, o mesmo ano no qual seu pai foi chamado para a Faculdade de Direito de Viena. "Em primeiro lugar, explica Hermann von Ihering, Leuckart julgava que uma vasta formação em medicina seria uma base excelente para um futuro zoólogo (estou plenamente de acordo com isso); além disso, ele sustentava que o destino de um zoólogo era imprevisível e que, portanto, seria melhor adquirir uma preparação profissional (*Brotstudium*). Como tinha razão, também neste ponto! Até os trinta anos não consegui ter um lugar seguro como zoólogo. Quando, mais tarde, o casamento obrigou-me a ganhar a vida, após a minha emigração nada me ajudou mais do que a minha preparação médica, um pouco enfraquecida, naquela época, mas que em seguida tornou-se mais firme e mais extensa" (21).

Entre o grande jurista e este filho estudioso existia uma relação de grande estima e de inevitável competição intelectual. Em 1870, sem nada contar ao pai, Hermann preparou, em Leipzig, o exame de física, para apresentar-se em Halle e tirou a nota máxima. "Enquanto eu pensava – escreve o pai a Windscheid – que em Leipzig ele estivesse simplesmente se divertindo, estudava dia e noite, e assim em dois anos conseguiu passar em todos os exames com a nota máxima" (22). Como prêmio, levou-o consigo em uma longa viagem pela Itália, terminando com uma estada em Roma. Ihering pai descreve esta viagem pormenorizadamente, numa carta ao amigo Gerber, concluindo: "No meu Hermann, tive um excelente companheiro de viagem; aliás, preciso acrescentar que devo a ele a maior parte do prazer que desfrutei. Posso sem dúvida aconselhar-te de seguir o meu exemplo e levar teu filho numa viagem: o divertimento será dobrado". Ihering louva, no final, "a autonomia e a firmeza de caráter, que o impedirão de distrair-se em seu trabalho" (23). Após a viagem, Hermann volta para Giessen, parando em Leipzig para visitar o ilustre amigo de seu pai(24).

Uma outra carta para Windscheid também atesta quão positivo era o juízo de Rudolph von Ihering a respeito deste seu filho: "Seu juízo a respeito de meu filho mais velho muito me alegra. Ele é mesmo uma excelente e querida pessoa: um estudante esperto e desinibido, ao mesmo tempo com muitos interesses, um caráter sólido e um grande coração" (25).

O estudo da medicina levou, pois, Hermann para Giessen, Leipzig, Berlim e Göttingen, onde, em 1872, prestou o doutorado. Eram aqueles os anos da unificação alemã sob Bismarck e Hermann deu sua contribuição através das associações de estudantes (*Burschenschaften*).

Contudo, justamente naqueles anos, durante o período vienense de seu pai, iniciado em 1868, os acontecimentos bélicos de 1870 constituíram um movimentado parêntese na vida de Hermann, já que ele, conscientemente, correu o perigo de ser incriminado por deserção, na guerra franco-alemã de 1870-71, na qual austríacos e alemães enfrentavam-se em campos opostos. De Viena, numa carta de 9 de novembro de 1870, o pai dá notícias do filho a Gerber, com estas palavras: "Está ausente somente meu filho maior que, no início da guerra, engajou-se como voluntário (na Alemanha) e que, após algumas semanas de treinamento, foi designado para o hospital militar de Darmstadt, onde se encontra atualmente. A decisão que ele tomou poderia ter-me causado graves problemas aqui, já que, desde a Páscoa, meu filho foi chamado para servir como soldado austríaco e está licenciado só porque é médico e como tal aqui consegue exercer sua profissão. Todavia, não pude lamentar o seu gesto: eu teria feito o mesmo" (26).

Ao final da guerra, Hermann von Ihering retomou aquela que tinha tudo para ser a típica carreira acadêmica alemã. Terminados os estudos de medicina em Berlim e em Göttingen, dedicou-se em seguida ao estudo da zoologia e da geologia. Em Göttingen, em 1873, doutorou-se em medicina e em 1876 doutorou-se em filosofia; em 1878 foi nomeado *Privatdozent* de zoologia em Leipzig.

Ihering pai, pouco antes de deixar Viena para ir a Göttingen, fala dele com admiração. "Meu filho mais velho passou de Berlim para Göttingen, a fim de continuar seus estudos. No outono, estaremos novamente juntos, após quatro anos, e esta é uma perspectiva que me deixa feliz" (27). E de Göttingen confirma: "Um grande prazer da minha vida atual é estar novamente junto com meu filho mais velho que, desde o dia 19 de janeiro, é assistente de zoologia (junto ao prof. G. Karl Claus, 1835-99) e que me causa uma grande satisfação graças à sua firmeza, perseverança e interesse" (28).

A carreira acadêmica de Hermann continua da maneira mais tradicional. "Meu filho maior — escreve Ihering a Windscheid — que até hoje era assistente no Instituto de Zoologia, por causa da transferência do nosso zoólogo para Viena, voltou para Leipzig, junto ao seu antigo mestre Leuckart, que o nomeou seu assistente e com o qual trabalha muito. Ele prossegue sua carreira da forma mais correta e eu tenho muita confiança em seu futuro" (29).

Ano após ano, as cartas do pai aos amigos informam sobre os estudos do filho em Leipzig, para a habilitação(30), sobre sua estada no Instituto Zoológico de Nápoles(31), sobre seu noivado, após "uma paixão de verão por uma tal senhorita von Bismarck", que não lhe agrada muito: "resta-me apenas a resignação do pai, que é obrigado a assistir, sem agitar-se, às bobagens dos filhos que crescem" (32). Mas o filho continua sendo "eintüchtiger Mensch", um jovem valente, e, de fato, em 1879 Hermann torna-se livre-docente em Erlangen (33).

Os anos passam e Hermann continua a estudar com muita dedicação: "Verá pouco meu filho maior, em Leipzig — escreve Ihering para Windscheid, que morava naquela cidade —, ele vive inteiramente dedicado à ciência e foge da sociedade, em lugar de procurá-la: nisto, é diferente do pai". Contudo, esta reserva parece ser aceita pelo pai: "pelo menos até que não seja nomeado professor" (34). Esta meta certamente não estava longe: após ter-se preparado com afinco nas melhores universidades alemãs, admirado pelo pai, que já nessa época se tornara uma celebridade mundial, e apoiado por um círculo de influentes amigos da família, sua carreira apresentava-se como um percurso sem obstáculos.

De repente, porém, em 1880, Hermann abandona as certezas do mundo universitário alemão, para empreender suas pesquisas nos países tropicais.

5. A MISTERIOSA PARTIDA PARA O BRASIL

Esta partida contém algo de inexplicável, que não pode ser imputado somente à concisão das biografias, de resto pouco provável, a respeito de uma ruptura tão significativa na vida deste cientista. Parece haver um acordo secreto em silenciar sobre esse assunto. O próprio Hermann, após enumerar as primeiras etapas de sua carreira universitária, escreve somente: "Após a Páscoa do ano de 1880, interrompi a carreira acadêmica para emigrar para o Brasil" (35).

Por outro lado, a vida de Hermann von Ihering é difícil de ser reconstruída, pois sua atividade desenvolveu-se quase completamente no Brasil e sempre de forma

10 Hermann von Ihering. "Ernst Haeckel und die akademische Jugend in den Sechziger und Siebziger Jahren", in Heinrich Schmidt (org.), *Was wir Ernst Haeckel verdanken. Ein Buch der Verehrung und Dankbarkeit*. Leipzig, Unesma, 1914, v.1, pp. 400 e segs. Podemos encontrar uma tradução deste artigo em espanhol, em: *Physis*, V, 1921, pp. 93-7.

O sogro mencionado por Hermann von Ihering deve ser, provavelmente, o pai de sua segunda esposa, Meta Buff, com a qual se casou em 1907, isto é, o físico Heinrich Buff. Cf. item 9 deste trabalho.

11 Hermann von Ihering. *Archhelenis und Archinotis. Gesammelte Beiträge zur Geschichte der neotropischen Region, Mit einer Figur und Text und einer Karte*, Leipzig, Engelmann, 1907, 350 p.

12 *Festschrift für Prof. Dr. Hermann von Ihering*, op. cit., p. 23. Esta importante "Festschrift" — que, de agora em diante, será citada dessa forma, neste trabalho — é comentada mais detalhadamente na nota 2.

13 Hermann von Ihering. "Aus meinem Leben und über meine Tätigkeit in Rio Grande do Sul", in *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik*, 1894, p. 341.

14 "Festschrift", in *Phoenix*, 1927, op. cit., p. 8.

15 Este trecho encontra-se na já citada *Festschrift* (op. cit., p. 20). Os trabalhos sobre a floresta tropical são: "As Árvores do Rio Grande do Sul", in *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o Ano de 1892*, Porto Alegre, Graciano A. de Azambuja, 1892, pp. 164-96; "A Distribuição de Campos e Mattos no Brasil", in *Rev. do Museu Paulista*, VII, 1907, pp. 179-201 (seria interessante comparar o mapa contido nesta obra com a realidade atual); e, finalmente, a conferência realizada em 23 de dezembro de 1910, na Universidade de Piracicaba: "Devastação e Conservação das Mattas", in *Rev. do Museu Paulista*, VIII, 1911, pp. 485-500. Uma tradução em italiano deste texto encontra-se em apêndice ao meu artigo: "Un Precursore dell'Ecologia in Brasile, Hermann von Ihering (1850-1900)", in *Sociologia del Diritto*, nº 1, 1991, pp. 55-65. A respeito da proteção da fauna, Ihering escreveu: "Necessidade de uma Lei Federal de Caça e Proteção das Aves", in *Rev. do Museu Paulista*, V, 1902, pp. 238-60.

16 *Festschrift*, op. cit., p. 25. O ensaio ao qual remete Hermann von Ihering é: "A Questão dos Índios no Brasil", in *Rev. do Museu Paulista*, VIII, pp. 112-40.

- 17 *Festschrift*, op. cit., p. 22. A obra a que se refere Ihering é: "Das Privateigentum der Tiere", in Koseritz, *Deutscher Volkskalender für Brasilien*, XXIII, 1895, pp. 118-130.
- 18 *Festschrift*, op. cit., pp. 22 e segs. A obra da qual Ihering extrai estas citações é *Archäologie und Ethnologie*, Leipzig, Engelmann, 1907, 350 pp. (e um mapa), na qual o ensaio citado na nota anterior é retomado às páginas 16-31.
- 19 Mario G. Losano (org.), *Der Briefwechsel zwischen Ihering und Gerber*, Teil 1, Ebelsbach, Gremer, 1984, p. 15N, 36, 41, 547N, 621N, 650, 652f., 654, 657f., 664, 681; Teil 2: 4N, 180, 306, 314.
- 20 Idem, Teil 1: Ihering para Gerber, Giessen, 2 de maio de 1868, pp. 640 e segs.
- 21 Hermann von Ihering, "Aus meinem Leben und über meine Thätigkeit in Rio Grande do Sul", in *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik*, 1894, p. 340.
- 22 *Ihering Briefe an Windscheid 1870-1891*, Herausgegeben von Karl Kroeschell, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1988, 755 p. (Abhandlungen der Akademie der Wissenschaften in Göttingen, Philologisch-Historische Klasse, Folge 3, n.º 170); Ihering para Windscheid, Viena, 26 de março de 1870, p. 18.
- 23 Mario G. Losano (org.), *Der Briefwechsel zwischen Ihering und Gerber*, Teil 1, Ebelsbach, 1984, cit.: Ihering para Gerber, Viena, 20 de maio de 1870, p. 664.
- 24 Idem, ibidem: Gerber para Ihering, Leipzig, 26 de maio de 1870, p. 665. Nesta resposta, Gerber afirma que sua família "aleijou-se muito" a Hermann.
- 25 *Iherings Briefe an Windscheid 1870-1891*, Herausg. von Karl Kroeschell, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1988, cit.: Ihering para Windscheid, Viena, 30 de maio de 1870, p. 20.
- 26 Mario G. Losano (org.), op. cit., Teil 1: Ihering para Gerber, Viena, 20 de maio de 1870, p. 674; cf. também a mesma obra, Teil 2, p. 21.
- 27 *Iherings Briefe an Windscheid 1870-1891*: Ihering para Windscheid, Viena, 31 de março de 1872, p. 32.
- 28 Ibidem: Ihering para Windscheid, Göttingen, 13 de janeiro de 1873, p. 34 e segs.
- 29 Ibidem: Ihering para Windscheid, Göttingen, 31 de dezembro de 1873, p. 37.
- 30 Ibidem: Ihering para Windscheid, Göttingen, 18 de março de 1876, p. 37.

intensa, mas reservada. Nem o estado brasileiro demonstrou-lhe, jamais, uma especial deferência.

As biografias oferecem uma explicação oficial que, apesar de incomum, não deixa de ser plausível. Hermann teria deixado a Alemanha para fugir de uma vida acadêmica sobre a qual projetava-se a sombra do célebre pai.

O texto argentino também confirma esta interpretação: "O filho de Rudolph von Ihering, como todos os filhos de pessoas famosas, na sua vida, teve a vantagem de ser favorecido no início da carreira pela consideração de que gozava o pai e a desvantagem de ser colocado em segundo plano, pela fama do pai. Hermann von Ihering recusou-se a gozar das vantagens materiais de uma carreira de filho de uma celebridade, e seguiu decidido o próprio caminho. Justamente por isso tornou-se uma personalidade. O exemplo paterno levou-o a honrar a tradição científica da família" (36).

Esta explicação oficial, porém, esconde uma realidade muito diferente. A partida para o Brasil em 1880 coincide com o casamento — realizado em 26 de abril de 1880 — de Hermann com Clara Wolf (1846-1905), cujo filho de dez anos, Sebastian Wolf, tornar-se-á mais tarde ajudante e preparador de Hermann. Desta união nascerão no Brasil duas filhas e dois filhos. Este casamento foi extremamente desaprovado pela família de Hermann e levou a uma ruptura dramática com o ambiente alemão.

A respeito deste casamento disponho de poucos documentos, mas estas poucas informações são suficientes para explicar a situação na qual o jovem casal se encontrava, ao passo que uma pesquisa mais profunda provavelmente nada iria acrescentar aos resultados científicos do nosso estudo. Clara Wolf pertencia à boa burguesia daquela cidade e ao ambiente profissional freqüentado por Hermann. Ela era filha de um cirurgião de Leipzig. Antes de seu primeiro casamento, seu nome completo era Anne Maria Clara Belzer.

Na correspondência do século passado, os sentimentos são externados com uma ênfase que, para nós, às vezes, parece excessiva. Mas nas poucas linhas de Rudolph von Ihering ao amigo vienense Julius Glaser transparece não só ênfase, mas *patos*; o tom não é de simples reprovação, mas de tragédia familiar. Rudolph von Ihering apenas menciona o assunto. E da misteriosa mulher que por quase vinte anos conviveu com seu filho não parece possível encontrar alguma notícia. Esta mulher, alguns anos menos jovem que Hermann e já com um filho crescido, era de tal forma inaceitável no rígido mundo da burguesia alemã que o exílio dos culpados tornou-se inevitável: o casamento em Leipzig coincidiu com a partida para o Brasil.

Um início de explicação encontra-se numa carta que Rudolph von Ihering escreveu à esposa de seu amigo Glaser: "A senhora deve saber que meu filho cometeu o erro de ir para o Brasil. Isto me causou muita preocupação. Aqui, no nosso país, ele teria tido um belo futuro, se não tivesse jogado tudo pela janela, por causa do infeliz encontro com sua atual esposa. Talvez não o verei nunca mais" (37).

Dois meses mais tarde escreve, a respeito desta partida, a Windscheid, empregando palavras ainda mais veementes: "Atravessei um dos períodos mais negros da minha existência, passando por uma das minhas mais amargas experiências. Justamente meu filho mais velho, no qual eu tinha tantas esperanças, em troca de todo o amor que sempre lhe demonstrei e de todos os sacrifícios que fiz por ele, infligiu-me a ferida mais dolorosa de minha vida. Você sabe que ele se casou e que deixou Leipzig para ir morar no sul do Brasil: aparentemente numa viagem científica, mas na realidade por causa de uma união que lhe custará a ciência, a pátria e seu pai. Não vou poder contar o resto: é demasiado doloroso revirar a faca na ferida. Posso porém resumir o que até agora vivi em uma única frase: perdi meu filho, perdi-o para sempre. Creio que somente conseguirei reencontrar a minha serenidade livrando-me completamente de sua lembrança: em minha casa não será mais permitido falar dele; para mim não existe mais. Tive o mesmo destino de Vangerow, do qual tive tanta pena: naquela época, jamais pensei que o mesmo iria me acontecer" (38).

O tom aflito e os desvelos de Rudolph von Ihering são a prova de que a partida de Hermann não havia causado uma verdadeira ruptura dos liames familiares, mas que, talvez, fosse devida principalmente à insuportável reprovação social que acompanhava aquela união. A respeito das relações entre pai e filho, o trecho de uma carta a Julius Glaser é esclarecedor: "Meus filhos estão bem. O mais velho, que dois ou três anos atrás tinha sido para mim uma grave preocupação, pois tinha-se casado por ter-se comprometido, e que por isso havia abandonado o seu futuro científico

na Alemanha, encontra-se atualmente no Brasil, onde tem uma boa perspectiva de um futuro satisfatório. É correspondente de alguns jornais alemães e pediu-me para procurar-lhe uma posição semelhante em alguns dos grandes jornais vienenses. Ficarei muito grato se pudesse fazer algo nesse sentido. Ele é uma pessoa digna de recomendação e posso indicar como prova, por exemplo, seu artigo na revista *Nord und Süd* (vol. 10, fascículo de agosto de 1879); um outro artigo (a respeito da produção e da indústria brasileira) será publicado em breve no *Unsere Zeit*. Seu endereço é: Taquara do Mundo Novo" (39).

Passados alguns anos, Rudolph von Ihering parece aceitar a escolha do filho: "Meu filho mais velho Hermann sente-se realizado em sua atividade científica e tem sua existência garantida graças a seu trabalho como naturalista" (40).

Afinal, o tempo apaga muitas tristezas e a união familiar é recomposta, ainda que por breve tempo, já que a vida de Hermann está ligada agora à sua atividade no Brasil. Rudolph Ihering escreve: "No ano que vem, por ocasião dos meus setenta anos, terei a felicidade de ver ao meu redor todos os filhos: o meu filho mais velho chegará do Brasil com toda a família" (41). Depois, os destinos separam-se novamente. Hermann volta para a América, Rudolph fica em Göttingen, na expectativa preocupante da guerra.

6. O ENCONTRO COM D. PEDRO II

A partida de Hermann para o Brasil foi repentina (pelo menos para os observadores externos), mas não improvisada. Dois amigos o haviam aconselhado a emigrar para o Rio Grande do Sul: R. Andree e o geógrafo Wilhelm Albert Sellin.

Sellin trabalhou no sul do Brasil e em Leipzig, onde fazia parte do *Verein für Handelsgeographie und Förderung Deutscher Interessen im Auslande*. Karl von Koseritz (Dessau, 3 de fevereiro de 1832 – Porto Alegre, 30 de maio de 1890) havia fundado numerosas filiais desta associação entre os colonos do sul do Brasil; e, assim, quando foi organizada em Berlim a exposição sobre a América do Sul, foi esta associação que o convidou a ir à Europa. Fica explicada, dessa forma, a razão pela qual Hermann von Ihering entrou em contato com Koseritz logo no início de sua chegada ao Brasil.

As pessoas que ele conhecia e, talvez, os relacionamentos de seu pai, tornavam o jovem naturalista um emigrante atípico, tanto é que a sua chegada ao Rio de Janeiro foi acompanhada de uma audiência com o imperador D. Pedro II, "uma audiência – escreve Hermann – para mim muito interessante e também decisiva para a minha atividade futura".

A descrição daquele encontro assim continua: "Na hora em que, uma vez por semana, o imperador dava audiência, fui para o palácio. Uma simples ante-sala servia de sala de espera, na qual as pessoas chamadas registravam seu nome em um livro. Duas portas envidraçadas levavam a uma galeria de madeira, não muito bonita, que corria em volta de um pátio e era protegida por vidraças. Para esta galeria abriam-se as portas dos vários aposentos. Um certo número de pessoas de condições mais ou menos elevada (a esta última categoria pertenciam sobretudo mulheres que desejavam apresentar algum pedido à imperatriz) esperavam comigo nesta ante-sala, à qual eu havia chegado com dificuldade, devido à ausência de porteiros ou criados. Pedi, pois, informações a um policial, que me informou com cortesia. Entre os participantes à audiência, eu era o único de luvas: no Brasil ninguém usa luvas nem mesmo para esta ocasião, nem em visitas a ministros, etc. Quando chegou a minha vez, indicaram-me em primeiro lugar a galeria, na qual encontrei, ao pé de uma porta, um senhor já idoso e vestido de preto que no primeiro instante tomei por um mestre de cerimônias: na realidade, era o próprio imperador. Cumprimentou-me estendendo-me a mão, mandou que eu entrasse numa sala e, convidando-me a sentar em uma poltrona, conversou comigo em francês, por cerca de vinte minutos. Pediu-me para contar alguma coisa a respeito da Alemanha, perguntou por meu pai e por Virkow (cf. item 3), do qual tinha grande estima e em seguida passou a falar de meus planos. Expressou sua satisfação por saber da minha permanência no Brasil, para os meus estudos de zoologia, e ofereceu-me sua ajuda (isto é, uma escola militar), no caso em que eu precisasse alcançar territórios afastados" (42).

Esta foi, pois, a primeira impressão; a ela, Ihering acrescentou logo a avaliação da figura histórica de D. Pedro II, formada no decorrer de sua longa experiência brasileira. Quando, em 1889, o Brasil tornou-se uma república, sem que uma gota

31 Ibidem: Ihering para Windscheid, Göttingen, 16 de abril de 1875, p. 42 e segs.

32 Ibidem, p. 43.

33 Ibidem: Ihering para Windscheid, Göttingen, 23 de janeiro de 1878, p. 37.

34 Ibidem: Ihering para Windscheid, Göttingen, 30 de dezembro de 1879, p. 48.

35 Hermann von Ihering, "Aus meinem Leben und über meine Tätigkeit in Rio Grande do Sul", in *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik*, 1894, p. 342.

36 *Festschrift*, op. cit., p. 7.

37 Rudolph von Ihering para Minna Glaser, Göttingen, 7 de março de 1882. Esta e mais as cartas seguintes estão conservadas na Seção de Manuscritos da Staatliche Bibliothek Preussischer Kulturbesitz, de Berlim. A correspondência de Rudolph von Ihering com Julius Glaser e Joseph Unger está no prelo, como terceiro volume, após *Der Briefwechsel zwischen Ihering und Gerber*, Münchener Universitätschriften. Juristische Fakultät. Abhandlungen zur rechtswissenschaftlichen Grundlagenforschung, Band 55/1, Teil 1. Ebelsbach, Gremer, 1984, XXII-693 pp; *Studien zu Ihering und Gerber*, na mesma coleção, Band 55/2, Teil 2. Ebelsbach, Gremer, 1984, XXIII-432 pp.

38 *Iherings Briefe an Windscheid (1870-1891)*: Ihering para Windscheid, Göttingen, 10 de junho de 1880, p. 49.

39 Rudolph von Ihering para Julius Glaser, Göttingen, 29 de dezembro de 1882.

40 *Iherings Briefe an Windscheid (1870-1891)*: Ihering para Windscheid, Göttingen, 30 de dezembro de 1883, p. 52.

41 Rudolph von Ihering para Minna Glaser, Göttingen, 24 de dezembro de 1887. A preocupação pela guerra transparece também em outra carta, escrita meses depois: "No próximo mês espero a chegada de meu filho mais velho, com a sua família: uma grande alegria, que compensará estes últimos negros meses" (Rudolph von Ihering para Minna Glaser, Göttingen, 14 de junho de 1888). A mesma preocupação revela-se em outra carta: "Espero para breve a visita de meu filho maior, que virá do Brasil com sua família" (*Iherings Briefe an Windscheid 1870-1891*: Ihering para Windscheid, Göttingen, 30 de dezembro de 1883, p. 63).

de sangue tivesse sido derramada, muitos criticaram o imperador por ter abandonado logo sua posição, partindo para o exílio. Na realidade, esta renúncia à Coroa salvou o Brasil das lutas internas que haviam atormentado todos os outros países sul-americanos, por ocasião de sua independência.

"O imperador D. Pedro II – esta a reflexão de Hermann von Ihering – era efetivamente o protetor e o promotor das ciências e dos seus representantes no Brasil. Isto ficou demonstrado logo após a sua retirada, quando os melhores foram demitidos e substituídos por arrivistas despreparados. Quando a minha indicação para o Museu foi protelada, por causa da mudança de ministro, foram somente as repetidas intervenções do Imperador que colocaram ordem na situação, como soube mais tarde através dos deputados do Rio Grande do Sul, de volta do Rio de Janeiro. Talvez, como soberano, D. Pedro II deveria ter agido mais, para evitar a si mesmo e ao país a atual desventura; mas, como homem, como homem puro e nobre, foi admirável. Quando, na Europa, freqüentemente, as pessoas ficam admiradas pelo fato de que, apesar de sua popularidade, ele tenha permitido que o exilassem, sem desembainhar a espada e sem derramar sangue, eles esquecem que um povo despreparado e desarmado não podia opor resistência a um golpe executado em dois ou três dias, por todas as forças do exército e da marinha" (43).

Deixando de lado a avaliação da passagem do Brasil de império para república, o texto impressiona porque encontramos, mencionada pela primeira vez, a figura paterna. Aliás, Hermann observa em uma nota: "Embora eu estivesse de há muito acostumado a saber que o nome de meu pai era muito conhecido entre os juristas, todavia fiquei surpreso que isso acontecesse também no Brasil. Além do mais, soube da existência, na Faculdade de Direito de São Paulo, de uma revista jurídica intitulada *Ihering*" (44).

Parece tratar-se não de uma revista, mas de uma miscelânea ou de um volume coletivo, intitulado *Ihering*: contudo, até o presente momento, não consegui encontrar esse texto.

A audiência terminou, mas a viagem continua. Hermann vai de navio do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul e no navio fica sabendo, graças a um outro passageiro alemão, que ele poderia exercer a profissão médica numa colônia alemã chamada Mundo Novo. Na melhor tradição do emigrante, Hermann fica assim conhecendo por acaso o nome de sua primeira residência no Brasil: Taquara do Mundo Novo.

7. O PRIMEIRO FILHO E A PRIMEIRA MORADIA NO RIO GRANDE DO SUL (1880-1881)

Naquela época, chegava-se à colônia Mundo Novo partindo de Porto Alegre, subindo de navio o Rio dos Sinos e atracando a uma margem coberta de uma cerrada vegetação de bambus silvestres. É deste tipo de vegetação, denominada taquaral, que saiu o nome da pequena cidade de Taquara. Aqui existia uma numerosa comunidade alemã, junto à qual Hermann von Ihering prestou seus serviços de médico. De Taquara partiam também as coleções naturalistas que Hermann preparava para a Alemanha e para o British Museum.

Um desenho de 1883, conservado no Museu Histórico de Taquara, mostra o aspecto que aquele lugarejo devia apresentar ao jovem naturalista alemão: uma única, ampla rua de terra, costeadada por algumas dezenas de casas térreas, outras casinhas espalhadas pelas redondezas e, em volta do pequeno povoado, a mata subtropical.

A atual Taquara ergueu-se sobre esse mesmo eixo urbano que, com o nome de Rua Júlio de Castilhos, é hoje a rua principal de uma pequena cidade de 37.000 habitantes. Nesta rua, ainda enfileiraram-se numerosas casas coloniais térreas, originárias do começo do nosso século. Um pouco além da rua principal, defrontam-se a igreja católica e a igreja luterana.

Em vão procurei nesta última igreja a documentação do nascimento do filho de Hermann von Ihering, nascido em Taquara em 1883 e batizado com o nome do grande avô: de fato, naquela época, Taquara não possuía um pastor, que se encontrava numa localidade bastante próxima chamada Igrejinha, a mais antiga comunidade evangélica da região. São, pois, os registros de Igrejinha que documentam o nascimento de Rodolfo von Ihering (17 de junho de 1883 – 15 de setembro de 1939)(45), destinado a tornar-se um dos mais importantes zoólogos brasileiros: a ele são devidas as primeiras experiências mundiais da fecundação artificial dos peixes.

42 Hermann von Ihering. "Aus meinem Leben und über meine Thätigkeit in Rio Grande do Sul", in *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik*, 1894, pp. 342 e segs.

43 Idem, ibidem, p. 343.

44 Idem, ibidem, p. 343, nota 1.

45 Rudolph Theodor Wilhelm von Ihering aparece no registro dos batismos da comunidade evangélica de Igrejinha (Freguesia de Mundo Novo, Registro nº 250, ano de 1883) como filho de Hermann e de Anna Maria Klara von Ihering, nascida Belzer. Devo estes esclarecimentos à cortesia do diretor do Museu Histórico de Taquara, prof. Adélmo Trott, que colocou à minha disposição os livros, os manuscritos datilografados e as fotocópias dos originais por ele recolhidos e conservados.

Seu interesse pela piscicultura levou-o ao Nordeste, onde esforçou-se para difundir essas técnicas, com as quais esperava aumentar a alimentação ao alcance daquelas terras cronicamente pobres(46).

A lembrança de Rodolfo ainda está viva em Taquara, que a ele dedicou uma escola. Em 1983, no centenário de seu nascimento, sua cidade natal abriu um concurso para a sua biografia: os dois manuscritos vencedores estão conservados no Museu Histórico de Taquara(47). Mas sua fama científica supera os confins do Rio Grande do Sul: com todo o direito, ele é considerado "o pai da piscicultura brasileira"(48).

Foi trabalhando junto ao pai que Rodolfo aprendeu a profissão de cientista: seu nome aparecerá freqüentemente nas páginas da *Revista do Museu Paulista*. Ele teve ocasião de encontrar-se com o grande avô, do qual tinha o nome, durante uma viagem à Alemanha: a família conserva ainda hoje um bilhete do Rudolph von Ihering ao neto, escrito em caracteres latinos(49).

Não é possível, aqui, seguir a breve vida de Rodolfo von Ihering que, no ano seguinte, iria para São Paulo (50). A nossa atenção deve ficar centralizada nos acontecimentos da vida de seu pai, Hermann von Ihering.

8. OS ANOS DE PORTO ALEGRE (1881-89)

Desde o seu primeiro contato com a realidade brasileira, Hermann von Ihering mostrou que não se iludia com os acontecimentos. Já em 1880 escrevia numa revista alemã: "Tudo o que emana do governo, neste país, vai mal. Furto, peculato e corrupção são as características de uma administração à qual não faltam agudezas e boa vontade, mas que carece de energia e de firmes princípios morais"(51). Como diretor de museus, passou o restante de sua vida brasileira batendo-se contra esta administração.

É difícil individuar com precisão as relações pessoais que levaram Hermann von Ihering a integrar-se tão rapidamente à vida brasileira (52). A amizade com Koseritz poderia indicar uma comum afiliação à maçonaria: todavia, não encontrei prova alguma a favor desta tese, pelo menos no que diz respeito às lojas de Porto Alegre(53).

Em outubro de 1881, à atividade de médico juntou-se a de redator do *Deutsche Zeitung*, o que levou à transferência para Porto Alegre. Nesta atividade, Hermann von Ihering substituiu o amigo Karl von Koseritz, ao qual estava ligado por uma amizade anterior, já que ambos propugnavam pela naturalização dos colonos alemães(54). Este bom relacionamento cessou justamente por causa do jornal, ainda que, mais tarde, Hermann não deixasse de defender Koseritz, por ocasião dos eventos da Exposição Teuto-Brasileira, a respeito da qual voltaremos a falar brevemente.

A Hermann von Ihering estava ligado também o senador Gaspar Silveira Martins (outra relevante figura da maçonaria sul-riograndense), que tinha conseguido obter do parlamento, no Rio de Janeiro, que os colonos alemães, mesmo os protestantes, fossem equiparados aos brasileiros de origem portuguesa. Taquara tornou-se, assim, um município e participou da desventurada Exposição Teuto-Brasileira de Porto Alegre de 1882. A respeito desta última, é necessário fornecer algumas informações, pois ela criou vários problemas para Hermann von Ihering.

Paralelamente à atividade jornalística, Koseritz organizava ativamente também a cooperação econômica entre o Brasil e a Alemanha, dirigindo as exposições de Porto Alegre de 1866 e 1875. Em 1881, a Exposição Teuto-Brasileira por ele organizada em Porto Alegre foi impugnada pelos representantes oficiais do império alemão e pouco favorecida pelas autoridades brasileiras, influenciadas também pela campanha antigermânica dos franceses e dos ingleses. Em breve, o embate não ficou apenas no plano verbal e a exposição foi até incendiada.

Por ocasião destes acontecimentos, os proprietários do *Deutsche Zeitung* tomaram posição contra Koseritz. Hermann von Ihering, ao contrário, tomou posição a favor do amigo contra seu adversário, o cônsul alemão Wilhelm Ter Brüggen. Contudo, ele o fez de forma tão veemente que, levando a pior na polêmica, precisou abandonar Porto Alegre e voltar para Taquara(55).

Todavia, este incidente não deteve a sua atividade política, da qual retirou-se em 1890, isto é, concomitantemente à queda da monarquia, como veremos em breve(56).

46 Rodolfo von Ihering, Dora von Ihering Bonança, *Ciência e Belezas nos Sertões do Nordeste*, Fortaleza, Dep. Nac. das Obras Contra as Secas (DNOCS), 1983. 305 pp.

47 Pode ver estes originais datilografados graças à cortesia do diretor do Museu Histórico de Taquara, prof. Adelmo Trott; Hitoshi Nomura, *A Vida e a Obra do Dr. Rodolpho von Ihering*, 38 pp; Adelmo Trott, *A Vida e a Obra do Dr. Rodolpho Theodoro Wilhelm von Ihering*, 21 pp.

48 A obra de Melquíades Pinto Paiva (*Peixes e Peixes de Águas Interiores do Brasil*, Brasília, Editerra, 1983. 158 pp.) abre-se com uma fotografia de Rodolfo von Ihering e com uma dedicatória que contém o juízo citado no texto.

49 Devo à cortesia de Maria von Ihering de Azevedo não só a notícia, mas também a possibilidade de ter visto este bilhete, juntamente com outros documentos, na sua casa de São Paulo. Ele está emoldurado junto com uma simples pena de madeira bruta, e uma pequena chapa de metal lembra: "Rudolph von Ihering; 1872-1892". São estes os anos de Göttingen do grande jurista.

50 Para a biografia de Rodolfo von Ihering encontrei no Museu Histórico de Taquara as seguintes obras (em ordem cronológica de publicação): José Antônio Costa, "Rodolpho von Ihering", in *Correio do Povo*, 16 de ago. de 1963; Renato Costa, "Os Iherings, uma Geração de Cientistas", in *Correio do Povo*, 12 e 15 de set. de 1965; José Reis, "Centenário de Rodolpho von Ihering", in *Jornal do Brasil*, 17 de julho de 1983; Mozart Pereira Soares, "Rodolpho von Ihering", in *Correio do Povo*, "Suplemento Letras e Livros", 20 de julho de 1983. A estes textos devem ser acrescentados os dois originais mencionados na nota 47.

51 Hermann von Ihering, "Aus Süd-Brasilien", in *Export*, II, 1880, nº 51, p. 501.

52 Hermann von Ihering fornece uma visão de suas andanças pelo Brasil na abertura de seu ensaio "As Aves do Estado do Rio Grande do Sul": "Mudando várias vezes meu domicílio, tive ocasião de conhecer diversas regiões do Sul e Leste do Estado. Estive de 1880 a 1883 em Taquara do Mundo Novo e Porto Alegre; em 1884 em Pedras Brancas e Rio Grande do Sul; de 1885 a 1886 em São Lourenço e na colônia do mesmo nome; de 1887 a 1893 na Ilha do Doutor, pequena propriedade que tenho na Barra do rio Camaquã".

Hermann von Ihering estava agora definitivamente integrado à vida brasileira e, em 1882, naturalizou-se brasileiro.

Seguem-se alguns anos de intensos estudos e de freqüentes mudanças: "Em 1883, Hermann von Ihering foi nomeado naturalista itinerante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, com residência no estado do Rio Grande do Sul. Vendeu, pois, sua casa de Taquara e por um curto espaço de tempo morou em Pedras Brancas, perto do rio Guaíba, em frente a Porto Alegre. Depois, durante um ano, viveu na cidade de Rio Grande do Sul, onde estudou a fauna da lagoa dos Patos e a fauna marinha. Em seguida, fez uma estada na colônia de São Lourenço, perto da lagoa dos Patos. Em 1886, Hermann von Ihering comprou, no delta do rio Camaquã, que desemboca na lagoa dos Patos, a ilha que foi chamada, por sua causa, 'Ilha do Doutor'" (57).

A ampla casa, os três filhos nascidos naqueles anos, a plantação, a atividade de naturalista e de médico, o rebanho (que lhe "fornece um bezerro por mês": involuntária emulação das experiências zootécnicas do pai?)(58), a pesca no rio, são apenas alguns dos aspectos da idílica vida na lagoa dos Patos. Porém, a calma interior, bem cedo, foi destruída pelos tumultuosos eventos políticos daqueles anos.

À abolição da escravidão, em 1888, seguiu-se, em 1889, a queda da monarquia. A república recém-criada impôs uma política exageradamente nacionalista, que levou à demissão de todos os funcionários estrangeiros e à luta contra as escolas particulares alemãs. Estas medidas drásticas podem ser explicadas pela gravidade daquela época: na guerra civil que atormentava o Rio Grande do Sul o próprio Hermann von Ihering correu risco de vida. O convite para trabalhar em São Paulo, portanto, foi aceito sem hesitação.

9. O PERÍODO PAULISTA (1890-1916)

No final do século XIX, São Paulo ainda não possuía um museu de ciências naturais. Dispunha de uma coleção particular, o Museu Sertório, ao qual, porém, faltavam espaço e pessoal. "Não era possível deixar uma tesoura ou um lápis sobre a mesa. (...) O Congresso ocupou-se do assunto, através de uma lei instituiu o Museu Paulista e como sede deu-lhe o magnífico edifício chamado Monumento do Ipiranga, construído sobre a colina de mesmo nome, a sete quilômetros da cidade, para festejar a independência do Brasil, que tinha sido proclamada naquele mesmo lugar, no dia 7 de setembro de 1822, pelo imperador D. Pedro I" (59).

Reunindo material para o museu, Hermann von Ihering adquire, também, inteiras coleções particulares, como ele mesmo lembra, no verbete "Anthropologie", de sua bibliografia: "Consegui também adquirir para o Museu de São Paulo algumas preciosas coleções, entre elas a de Karl von Koseritz e a de Christovão Barreto, na Bahia" (60). O primeiro citado já é nosso conhecido; o segundo o encontraremos dentro em breve, como autor da fatal fatura que será usada contra Hermann von Ihering.

No dia 15 de janeiro de 1895, Hermann von Ihering foi nomeado diretor do Museu Paulista e, com isso, funcionário público vitalício. A inauguração teve lugar no dia 7 de setembro do mesmo ano(61).

No andar térreo situavam-se os laboratórios, a biblioteca e os escritórios; no andar de cima, as coleções abertas ao público. O sucesso profissional foi dividido com o filho Rodolfo, engajado como ajudante pelo pai e destinado, mais tarde, a completar seus estudos em Viena e Heidelberg e também junto a alguns dos mais importantes museus europeus. Mas foram estas as únicas satisfações. O ambiente de trabalho era hostil. Na família, morreram primeiro o filho Wilhelm, depois a esposa Clara e, no final de 1906, o próprio Hermann adoeceu e parecia sem forças para superar a doença. Felizmente, conseguiu sarar e "para recuperar-se, em abril de 1907, parte com a filha Klara para a Europa, ocasião na qual casa-se com sua amiga de juventude Meta Buff, filha do físico de Giessen e bisneta de Lotte Buff" (62).

O parentesco com Lotte ou Charlotte Buff (1753-1828) é aqui lembrado porque ela inspirou duas famosas obras da literatura alemã. Goethe encontrou Lotte em Weltzlar em 1772 e inspirou-se nela para a Lotte de *Werther*. O novo encontro entre Goethe e Lotte, muitos anos depois, em 1816, foi depois retomado em 1936, por Thomas Mann, em *Lotte em Weimar*.

A vida do naturalista volta-se, assim, não somente para a Alemanha, mas até mesmo para o círculo de amizades paternas; de fato, em Giessen, o físico Heinrich Buff

53 Ministério de Arquivos e Registros, Arquivos do Grande Oriente do Rio G. do Sul, Porto Alegre. Agradeco a Marcelo Tostes pelas informações e pela documentação que extrai dos arquivos maçônicos de Porto Alegre.

54 Artigos e obras de Hermann von Ihering sobre as colônias alemãs do Sul: "Über die Colonie Mundo Novo", in *Export*, III, 1881, p. 535; "Witterungs- und Gesundheitsverhältnisse in Südbrasilien", in *Weltpost Blätter für deutsche Auswanderung, Kolonisation und Weltverkehr*, III, 1883, pp. 169-71; "Die Kolonie São Lourenço", in *Deutsche Kolonialzeitung*, II, 1885, pp. 460-63; "Die deutsche Auswanderung und ihre Ziele", in *Unsere Zeit*, Leipzig, II, 1885, pp. 433-50, pp. 620-36; *Rio Grande do Sul*, Gera, P. Genschel, 1885. 250 pp. (com um mapa) na coletânea *Bibliothek für deutsche Auswanderer*, Bd. XI, XII.

55 *Die Deutsche-Brasilianische Ausstellung in P. Alegre*, in *Unsere Zeit*, Leipzig, I, 1883, pp. 263-90.

56 *Festschrift*, op. cit., p. 26.

57 *Ibidem*, pp. 9 e segs. Antes da compra por parte de Hermann von Ihering, o nome da ilha era Ilha das Laranjeiras.

58 Todas as manhãs, o autor do *Geist des römischen Rechts* dava a seu bezerro um ovo cru, em seguida "esfregava as mãos, rindo, e imaginava o triunfo que teria, na grande reunião com os amigos, apresentando um lombo de vitela nunca antes visto em Giessen" (Mario G. Losano, *Studien zu Ihering und Gerber*, Ebelsbach, V. Rolf Gremer, 1984, p. 16; no índice analítico é encontrado o verbete "Lecerbissen", através do qual podemos reconstruir a figura de Rudolph von Ihering gourmet. A citação feita no meu livro é extraída do texto do filho Friedrich em: *Rudolph von Ihering, 1852-1868. Briefe und Erinnerungen*, Berlin, Müller, 1907, p. 87).

59 *Festschrift*, op. cit., p. 11.

60 *Ibidem*, p. 24.

61 Rodolfo von Ihering, "O Museu Paulista nos Anos de 1903 a 1905", in *Rev. do Museu Paulista*, VII, 1907, p. 5.

62 *Festschrift*, op. cit., p. 14.

tinha sido colega de Rudolph von Ihering (63).

A nova esposa reacendeu, também, um interesse científico que já estivera presente na vida de Hermann: a botânica. O museu ficou enriquecido por um jardim botânico, no qual Hermann e Meta passeavam longamente, após seu dia de trabalho. E nesta nova moldura, os acontecimentos parecem retomar o curso favorável que já tinha, na época da "Ilha do Doutor", no delta do rio Camaquã.

10. UM TRISTE ADEUS AO BRASIL

Para Hermann von Ihering tinha sempre ficado claro — anota o anônimo biógrafo da *Festschrift* argentina — "que, um dia, ele teria o destino de todos os outros cientistas estrangeiros que haviam trabalhado para o estado de São Paulo. Quando o Dr. R. Kraus deixou a Argentina para aceitar a direção do Instituto Butantã, em São Paulo, Ihering escreveu-lhe: 'Apesar de eu ter sido um dos primeiros cientistas estrangeiros a trabalhar como funcionário vitalício do estado de São Paulo, sempre tive a impressão de ser um dançarino na corda bamba, cuja caída parece ser apenas uma questão de tempo. Com o senhor será a mesma coisa'" (64).

Com a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial, o país foi varrido por uma onda de antigermanismo, que também atingiria o único alemão — de origem, mas não mais como cidadão — que ainda dirigia uma entidade pública paulista. Hermann von Ihering foi demitido em 4 de novembro de 1916, com a acusação de "ter vendido ao estado, por 3.600 mil-réis, uma pedra que havia sido doada ao Museu". Parece que o acontecimento estava, na realidade, baseado em um equívoco, ligado à fatura de compra da coleção antropológica de Christovão Barreto, e anteriormente mencionada. A respeito da infundada acusação, abriu-se um processo e uma campanha jornalística através da *Deutsche Zeitung* de Porto Alegre, mas Hermann von Ihering teve que sair.

Mudou-se novamente para o sul do país e continuou seus estudos em Santa Catarina, de onde, no final de dezembro de 1918, foi chamado para ocupar a cátedra de Zoologia da Universidade de Córdoba, na Argentina. Todavia, seu vínculo com o Brasil acabou prevalecendo e ele aceitou a oferta para organizar um pequeno museu em Florianópolis. Foi uma escolha infeliz: "Após um ano, o governo informou-o de que seu salário seria reduzido a um terço; três meses depois, chegou a notícia de que ele não receberia mais salário algum. Um preto colocou em carros as coleções já prontas e assim terminou a história de um museu que já tinha nascido morto" (65).

No final de outubro de 1920, Hermann e a esposa tomaram um navio de volta para a Europa. Em dezembro, chegaram em Gênova e, após uma breve estada na Riviera, Hermann voltou à Estação Zoológica de Nápoles, onde já estudara no longínquo inverno de 1874-75. Ali desejava, de fato, continuar a estudar para atualizar-se e, mais particularmente, queria ver, após quarenta anos de ausência, que rumos haviam tomado seus estudos sobre a sistemática dos moluscos. (A sua primeira obra a respeito era de 1876, a última, de 1922).

Ao deixar Nápoles, voltou para a Alemanha e estabeleceu-se com a esposa em Büdingen, no Oberhessen. No seu país, a Universidade de Göttingen celebrou os cinquenta anos de seus dois doutorados: em 12 de dezembro de 1922 o de medicina e em 31 de julho de 1926 o de filosofia. A partir de 1926 tornou-se professor honorário de zoologia e de paleontologia na Universidade de Giessen.

Parece a conclusão muito germânica e acadêmica de uma vida iniciada na academia alemã. Apesar disso, Hermann von Ihering — demitido sem aposentadoria do Museu do Rio de Janeiro, em 1880, do Museu de São Paulo em 1916 e do de Florianópolis em 1920 — iria conservar a cidadania brasileira até sua morte, em Büdingen, no dia 24 de fevereiro de 1930.

A razão é simples e os estrangeiros que conhecem de perto o Brasil não ficam admirados com isto: Hermann von Ihering amava o Brasil, amava-o de verdade, justamente porque conhecia seus defeitos e suas virtudes. No final de sua vida, falando com o amigo Dr. M. Doello-Jurado que, em 1923, tinha ido visitá-lo em Büdingen, fazia um balanço positivo de sua vida errante: "Do conhecimento das plantas e dos animais tropicais, a minha existência extraiu uma imprevisível riqueza de conteúdo. Depois de um certo tempo, eu não teria satisfação alguma em repetir, ano após ano, as mesmas aulas, no mesmo lugar. Como naturalista, a natureza viçosa do Brasil foi uma revelação: as maravilhas da natureza inspiraram-me uma alegria intensa e, ao estudá-las, fiquei tão extasiado como somente a poucos mortais foi permitido" (66).

63 O jurista fala dele em duas de suas cartas a Gerber: cf. Mario G. Lozano (org.), op. cit., Teil 1, pp. 375 e 385. Para informações biográficas, ver na *Allgemeine Deutsche Bibliographie* e o índice de nomes do *Briefwechsel*, Teil 2, p. 346.

64 *Festschrift*, op. cit., p. 13.

65 *Ibidem*, p. 15.

66 *Ibidem*, p. 8.